



CIEB
SESI
SENAI
IEL

Federação das Indústrias do Estado da Bahia

Relatório de análise setorial da indústria baiana

Edição 02 | Ano 2011

Diretoria Executiva
Superintendência de Desenvolvimento Industrial



O Relatório de Análise Setorial da Indústria Baiana é uma publicação trimestral da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), produzido pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: José de Freitas Mascarenhas

Diretor Executivo: Roberto de Miranda Musser

Superintendente: João Marcelo Alves
(Economista, Mestre em Administração pela UFBA/ISEG-UTL,
Especialista em Finanças Corporativas pela New York University)

Equipe Técnica :

Marcus Emerson Verhine
(Mestre em Economia e Finanças pela Universidade da Califórnia)

Carlos Danilo Peres Almeida
(Mestre em Economia pela UFBA)

Ricardo Menezes Kawabe
(Mestre em Administração Pública pela UFBA)

Mauricio West Pedrão
(Mestre em Análise Regional pela UNIFACS)

Everaldo Guedes
(Bacharel em Ciências Estatísticas - ESEB)

Layout e Diagramação: Superintendência de Comunicação Institucional – SCI

Data de Fechamento: 21 de setembro de 2011

Críticas e sugestões serão bem recebidas.

Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>

E-mail: cin-fieb@fieb.org.br

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.



Indústria de transformação baiana apresenta resultado bem abaixo do registrado pela média nacional

Em julho, a taxa anualizada da produção física da indústria de transformação da Bahia foi de -3,5%, após registrar queda de 2,0% em junho, acelerando a trajetória descendente iniciada no último trimestre do ano passado, situando-se em penúltimo lugar no ranking dos treze estados que participam da PIMPF-R, acima apenas do Estado do Ceará. Tal resultado pode ser atribuído à retração de 5 dos 8 segmentos pesquisados: Produtos Químicos/Petroquímicos (-11,9%), Metalurgia Básica (-6,7%), Celulose e Papel (-3,5%), Refino de Petróleo (-2,4%), e Veículos Automotores (-0,6%). Por outro lado, os segmentos de Alimentos e Bebidas (10,3%), Borracha e Plástico (8,2%), e Minerais não-metálicos (7,8%) apresentaram resultados positivos.

Na comparação do acumulado de janeiro a julho de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana registrou queda de 5% (contra uma alta de 1,3% da média nacional), refletindo, principalmente, a interrupção do fornecimento de energia elétrica que atingiu o Nordeste no início de fevereiro, com maior impacto sobre o Pólo Petroquímico de Camaçari. Apresentaram resultados negativos quatro dos oito segmentos pesquisados: Produtos Químicos/Petroquímicos (-13,1%, menor fabricação de etileno não-saturado e polietileno de alta e baixa densidade), Metalurgia Básica (-11,9%, queda na produção de alumínio não ligado em formas brutas, por conta do fechamento da planta da Novelis no final de 2010, e de ouro em barras), Refino de Petróleo (-6,2%, menor produção de óleo diesel e nafta petroquímica), e Celulose e Papel (-4,6%). Por outro lado, registraram resultados positivos: Alimentos e Bebidas (12,1%, aumento na produção de café torrado e moído, refrigerantes, cerveja e chope), Minerais não-metálicos (9,4%), Veículos Automotores (7,2%), e Borracha e Plástico (6,6%).

Na comparação de julho de 2011 com igual mês do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana apresentou retração de 4,5% (contra uma queda de



apenas 0,3% da média nacional). Três segmentos registraram variação negativa: Metalurgia Básica (-36,6%, em função da parada para manutenção da unidade de fundição da Paranapanema e do fechamento da planta da Novelis), Refino de Petróleo (-14,2%, menor fabricação de óleo diesel e nafta petroquímica), e Celulose e Papel (-13,9%). Por outro lado, cinco segmentos registraram crescimento: Alimentos e Bebidas (16,2%, maior produção de café torrado e moído, refrigerantes, cerveja e chope), Borracha e Plástico (9,5%), Minerais não-metálicos (6,7%), Produtos Químicos/Petroquímicos (4,7%, aumento da produção de adubos e fertilizantes), e Veículos Automotores (0,4%).

Como esperado, mesmo após a normalização da produção de petroquímicos, a interrupção do fornecimento de energia elétrica verificada em fevereiro comprometeu o resultado do agregado da indústria de transformação baiana no acumulado dos primeiros sete meses de 2011. A expectativa é que a indústria de transformação baiana, principalmente os segmentos produtores de bens de consumo, acompanhe a tendência nacional de desaceleração da produção, refletindo os impactos negativos das medidas governamentais de combate à inflação e de contenção do crédito, bem como os efeitos do agravamento da crise internacional sobre a demanda das economias avançadas e os preços das *commodities* no mercado internacional.

DESTAQUES SETORIAIS:

Refino de Petróleo e Produção de Álcool

O segmento de refino da Bahia apresentou resultados negativos nos primeiros sete meses do ano, com destaque para as quedas na produção de óleo diesel (-6,6%) e óleo combustível (-2,4%). O desempenho negativo pode ser explicado pela elevada base de comparação de 2010, quando a produção registrou recorde nos primeiros sete meses da série histórica da ANP, iniciada em 2000. O Presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, apresentou na FIEB, no final de agosto, o plano de negócios da empresa para o período de 2011-2015, cujo montante de investimentos para a Bahia alcança US\$ 9,874 bilhões. A maior



parte dos investimentos será destinada a área de Exploração e Produção com investimentos da ordem de US\$ 6,018 bilhões.

Químicos/Petroquímicos

A indústria petroquímica baiana apresentou resultados negativos nos primeiros sete meses de 2011, ainda refletindo os impactos da interrupção no fornecimento de energia elétrica em fevereiro, que paralisou plantas importantes no Pólo de Camaçari, cujo funcionamento só foi regularizado em abril. De acordo com a Braskem, o agravamento da situação econômica nos países desenvolvidos poderá deprimir a demanda global por petroquímicos, atualmente sustentada pelos países emergentes. Além disso, a depreciação adicional do dólar e os conflitos políticos nos países árabes, que continuam a trazer volatilidade para os preços de *commodities*, também contribuem para aumentar o cenário de incerteza. A Basf confirmou a instalação do Pólo Acrílico em Camaçari, com investimentos da ordem de € 500 milhões para a produção de ácido acrílico, acrilato de butila e polímeros superabsorventes (SAP).

Metalurgia Básica

Em 2011, o segmento metalúrgico baiano tem apresentado nível de produção abaixo do verificado em 2010, porém a alta de preços no mercado internacional e a mudança no *mix* de produtos vendidos e de mercados têm impulsionado as exportações e o faturamento das empresas, principalmente dos fabricantes de cobre refinado e ferro-ligas. A expectativa é que os preços dos metais no mercado internacional continuem a registrar alta volatilidade, com tendência de baixa, porém permanecendo em patamar superior ao do ano passado. Apesar da desaceleração da atividade industrial nacional nos últimos meses, a Paranapanema (principal empresa do segmento metalúrgico da Bahia) mantém perspectivas favoráveis para o 2º semestre de 2011, em função principalmente do aumento sazonal da demanda por produtos de cobre e da maturação de projetos de expansão orgânica no período 2011-2013.



Veículos Automotores

O mercado interno de veículos continua aquecido, apesar das medidas de restrição ao crédito e da elevação dos juros no período recente. Por outro lado, a competitividade no mercado externo tem sido extremamente prejudicada pela valorização cambial, o que reduz o potencial exportador e atrai cada vez mais a entrada de insumos e veículos importados. Nesse sentido, o Governo Federal anunciou medidas de incremento do IPI para veículos sem um conteúdo local mínimo (65%). As medidas geraram polêmica pelo evidente cunho protecionista e pelos prejuízos que deverão gerar aos importadores de veículos, especialmente os de origem na China, Coréia, além fabricantes de carros de luxo.

Celulose e Papel

O segmento volta a se preocupar com o ambiente econômico internacional, que podem postergar, mais uma vez, os planos de investimentos, inclusive os previstos para a Bahia. No entanto, do ponto de vista estrutural, a produção de celulose de fibra curta, baseada em florestas de eucalipto, é bastante competitiva no Brasil e na Bahia, pelas condições favoráveis de solo, clima, precipitação pluvial, radiação etc., que reduzem substancialmente o ciclo de produção, em comparação aos produtores tradicionais do hemisfério norte.

Alimentos e Bebidas

O segmento Alimentos e Bebidas tem apresentado desempenho positivo em 2011, em função do aumento da demanda interna (associado à expansão da renda da população) e da expansão da produção e dos preços da agroindústria baiana, com destaque para a produção de grãos no oeste do Estado. O mercado mundial de alimentos segue influenciado pelos problemas climáticos que se sucederam nos últimos anos em diferentes partes do mundo, principalmente as secas no oeste norte-americano. Concomitantemente, o baixo nível de estoques de grãos na China (principal comprador mundial de soja) faz com que a demanda se mantenha firme. A

Relatório de análise setorial da indústria baiana

confluência desses dois fatores aponta para um cenário altista para as *commodities* no período próximo, beneficiando a região Oeste da Bahia, que registra altas taxas de produtividade de soja, milho e algodão.



ANÁLISE SETORIAL

Refino de Petróleo e Produção de Álcool
(25,4% do VTI da Bahia em 2009)

A tabela a seguir mostra a produção de derivados de petróleo da RLAM nos primeiros 7 meses de 2011, em comparação com igual período do ano anterior:

RLAM: Produção de Derivados de Petróleo

	Em barris equivalentes de petróleo (bep)		
	Jan-Jul 10	Jan-Jul 11	Var. (%)
Óleo Diesel	19.481.104	18.194.345	-6,6
Óleo Combustível	16.998.982	16.584.289	-2,4
Gasolina A	7.748.005	8.347.930	7,7
Nafta	4.841.177	4.916.437	1,6
GLP	3.280.982	3.028.844	-7,7
Querosene de Aviação	949.086	667.989	-29,6
Asfalto	492.124	442.284	-10,1
Parafina	363.909	283.634	-22,1
Lubrificantes	307.823	196.643	-36,1
Solventes	18.342	21.190	15,5
Demais	1.167.034	1.316.433	12,8
Total	55.648.568	54.000.019	-3,0

Fonte: Agência Nacional do Petróleo (ANP); elaboração FIEB/SDI

O segmento de refino da Bahia apresentou resultados negativos nos primeiros sete meses do ano, com destaque para as quedas na produção de óleo diesel (-6,6%) e óleo combustível (-2,4%). O desempenho negativo pode ser explicado pela base de comparação elevada de 2010, que apresentou produção recorde para o período de janeiro a julho, segundo série histórica da ANP iniciada em 2000. Adicionalmente, algumas paradas programadas para manutenção em unidades da RLAM no período de janeiro a abril deste ano contribuíram para a queda da produção. No início de 2011, a Petrobras concluiu a obra de modernização da refinaria, com a entrada em operação de uma nova unidade de hidrotreamento (HDT) de enxofre na RLAM. A



nova unidade não elevará o nível de produção da refinaria, uma vez que seu objetivo principal é a retirada de enxofre dos produtos, atendendo aos acordos internacionais assinados para a diminuição dos impactos ambientais.

No cenário nacional, o desempenho da produção de derivados de petróleo no Brasil nos primeiros sete meses deste ano situou-se 3,3% acima do registrado em igual período do ano anterior. Dentre as principais refinarias, destacaram-se a REPLAN/SP (23,4%) e a RECAP/SP (18,7%). Em sentido contrário, as refinarias de LUBNOR/CE (-21,3%) e RPBC/SP (-11,2%) apresentaram as maiores quedas.

No acompanhamento do comércio exterior, vê-se que as exportações baianas de óleo combustível voltaram a crescer, após registrarem queda no início do ano. Nos primeiros sete meses deste ano, as exportações de óleo combustível apresentam alta de 51,1%. O resultado decorreu tanto do aumento das quantidades exportadas (38%) quanto da alta de preços (9,5%). No acumulado dos primeiros sete meses de 2011, os embarques do produto foram direcionados para Antilhas Holandesas, Argentina, Cingapura, Holanda e Uruguai. Já as importações de nafta petroquímica (principal item da pauta de importações baianas) registraram alta de 1,2% no período analisado, resultado do crescimento expressivo do preço (+41%), que compensou a queda nas quantidades importadas (-28,2%). As importações baianas de nafta petroquímica foram provenientes da Argélia, Rússia, Arábia, Venezuela, Argentina e México.

Segundo a ANP, as receitas (em US\$) de exportação de derivados de petróleo do Brasil cresceram 5,2% no acumulado do ano até julho em comparação com igual período do ano anterior. Já o gasto com as importações de derivados apresentou alta de 1% no período.

O Presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, apresentou na FIEB, no final de agosto, o plano de negócios da empresa para o período de 2011-2015, cujo montante de investimentos para a Bahia alcança US\$ 9,874 bilhões, assim distribuídos: (i) US\$ 6,018 bilhões em Exploração e Produção; (ii) US\$ 1,824 bilhão para Refino, Transporte e Comercialização; (iii) US\$ 1,716 bilhão para Gás, Energia e Gás-Química; (iv) US\$ 7 milhões em Biocombustíveis; (v) US\$ 273 milhões para



Distribuição e (vi) US\$ 36 milhões para a área Corporativa. Os principais projetos na área de Exploração e Produção em terra serão concentrados nos campos de Araçás (na região de Alagoinhas), Polo Bálsamo (na região de Esplanada), Miranga (Pojuca), além do campo de Dom João Mar (Baía de Todos os Santos). A Petrobras deverá concentrar a sua atividade de exploração e produção no litoral baiano, onde já possui 19 blocos exploratórios na Bacia de Camamu (10 blocos, sendo 3 em conjunto com a Statoil) e na Bacia de Jequitinhonha (9 blocos). Para a área de Refino, Transporte e Comercialização os principais investimentos serão destinados para a carteira de qualidade da gasolina e diesel e a carteira de asfalto, todos como parte da modernização da RLAM. Na área de Gás, Energia e Gás-Química, os investimentos serão direcionados para o novo terminal de regaseificação, a UTE Barra do Rocha I e UTE Bahia II (futuros leilões de energia) e projeto ARLA-32 na Fafen-Ba para a produção de aditivo para caminhões a partir da uréia, com capacidade de 23 mil t/ano em 2011 e, com a ampliação prevista, 71 mil t/ano em 2012.

Produtos Químicos/Petroquímicos

(15,3% do VTI da Bahia em 2009)

O segmento petroquímico baiano tem registrado resultado negativo em 2011. As plantas da Braskem só voltaram a operar em plena capacidade em junho, após a interrupção no fornecimento de energia de fevereiro ter reduzido a produção do Pólo Petroquímico de Camaçari. As perdas estimadas contabilizam aproximadamente R\$ 230 milhões.

Quanto às exportações, vê-se que as receitas de exportações da seção Produtos das Indústrias Químicas apresentaram queda de 2,2% nos primeiros sete meses de 2011 (na comparação com registrado em igual período de 2010), alcançando US\$ 903,1 milhões.

O desempenho negativo da Química baiana decorreu da redução das vendas externas de Produtos Químicos Orgânicos (capítulo 29), cujas exportações registraram queda de 5,6% (-US\$ 45,5 milhões). O resultado desse capítulo foi



influenciado pela redução das exportações de octanol e seus isômeros (-73,4%), buta-1,3-dieno não saturado (-45%), benzeno (-38,7%), ausência de embarques de ácido fosfonometiliminodiacético (PIA), dentre outros. Em sentido contrário foram registrados maiores aumentos nas exportações de ésteres de metila do ácido metacrílico (+131,1%), para-xileno (+27,4%), propeno (+5,5%), dentre outros.

As exportações de Produtos Químicos Inorgânicos (capítulo 28) registraram alta de 36,3%, na mesma comparação intertemporal. Os maiores aumentos foram contabilizados em exportações praticamente inéditas de negro de carbono e inéditas de sulfato de níquel, além do aumento das exportações de bicarbonato de sódio (+35,2%), solda cáustica (+7,7%), dentre outras.

A Braskem registrou lucro líquido de R\$ 420 milhões no 2º trimestre de 2011, alta de 38% em relação ao registrado em igual período de 2010, em função principalmente da alta dos preços de resinas e petroquímicos básicos. No acumulado do 1º semestre deste ano, o lucro líquido alcançou R\$ 730 milhões.

Segundo a Braskem, os fatos mais importantes para a petroquímica mundial nos últimos meses foram: (i) a volatilidade dos preços das matérias-primas, (ii) a maior oferta de produtos e (iii) a contínua desvalorização global do dólar.

Em relação aos preços de insumos e produtos, o agravamento da crise internacional nos últimos meses provocou queda nos preços da nafta petroquímica e de uma série de produtos químicos. Outro fator de pressão é o novo ciclo de competitividade da petroquímica norte-americana, revigorada pela disponibilidade de matéria-prima barata (gás natural extraído do xisto, shale gas).

Para a petroquímica brasileira, além do ciclo de baixa dos preços internacionais, há o aumento da concorrência no mercado doméstico por conta das importações, que têm crescido a taxas expressivas no período recente. De acordo com a Braskem, o cenário para o segmento petroquímico em 2011 é de cautela por conta do agravamento da situação econômica nos países desenvolvidos, que poderá impactar a demanda global, atualmente sustentada pelos países emergentes. Além desse fator, a depreciação adicional do dólar e os conflitos políticos nos países árabes, que



continuam a trazer volatilidade para os preços de commodities, também contribuem para aumentar a incerteza de recuperação.

Em relação aos investimentos da Braskem no Brasil os principais projetos são: (i) PVC em Alagoas, com capacidade de 200 mil t/ano; (ii) Projeto Butadieno no Rio Grande do Sul, capacidade de 100 mil t/ano e (iii) Polipropileno Verde (ainda pendente de aprovação do Conselho de Administração), capacidade para 30 mil toneladas/ano. Quanto aos projetos internacionais, o mais avançado é o Projeto México – Etileno XXI, com investimentos da ordem de US\$ 2,5 bilhões e conclusão prevista para janeiro de 2015. A Braskem também anunciou a compra de 4 plantas de polipropileno da Dow Chemical por US\$ 323 milhões, sendo duas plantas localizadas nos Estados Unidos e duas na Europa, com capacidade total da ordem de 1 milhão t/ano.

A Basf anunciou oficialmente a instalação do Polo Acrílico em Camaçari. A empresa implantará um complexo produtivo de escala global para a produção de ácido acrílico, acrilato de butila e polímeros superabsorventes (SAP) em Camaçari. Com um investimento superior a € 500 milhões, esse será o maior aporte da Basf na América do Sul. O novo complexo de ácido acrílico assegurará o fornecimento de matéria-prima para produtos como: fraldas, químicos para construção, resinas acrílicas para tintas, tecidos e adesivos. O Pólo de Camaçari foi escolhido em função da disponibilidade de matéria-prima (propeno) e utilidades, fornecidas pela Braskem. A construção do novo Complexo de Ácido Acrílico começará em 2011, devendo gerar cerca de 1.000 empregos durante a construção. O início das atividades produtivas está previsto para o último trimestre de 2014, gerando 230 empregos diretos e 600 indiretos. Parte da produção de ácido acrílico em Camaçari será destinada para a produção de acrilato de 2-etil-hexila de uma planta que será instalada em Guaratinguetá até 2015. O ácido acrílico é um importante produto na cadeia de valor dos superabsorventes, componentes ativos de fraldas de bebês e outros produtos de higiene. Éster acrílico, o mais importante derivado do ácido acrílico, é utilizado para produzir matérias-primas para adesivos, químicos para construção e tintas decorativas.



Após o anúncio do investimento da Basf, a Elekeiroz (grupo controlado pela holding Itaúsa), que havia assinado com a SICM protocolo para a implantação de uma nova unidade de produção de ácido acrílico a partir de 2011 (investimentos estimados em US\$ 300-400 milhões), anunciou que deverá rever o seu plano de expansão.

Já a empresa Duoline Tec (grupo constituído pelas empresas Duoline e Vipal) anunciou que pretende investir cerca R\$ 350 milhões na implantação de uma fábrica de fibra de carbono em Camaçari. No final de fevereiro deste ano, a empresa assinou protocolo de intenções com o Governo do Estado da Bahia, firmando compromisso de produzir 3 mil t/ano de fibra de carbono, além de 1,2 mil t/ano de tecidos. A previsão é que a operação comece no 3º trimestre de 2013.

A SICM anunciou que as empresas SNS (R\$300 milhões), Wacker (R\$150 milhões) e Cebrace (R\$350 milhões) pretendem investir no Pólo de Camaçari. No caso da Wacker, o plano de investimentos da empresa prevê a produção de co-polímeros de acetato de vinilia e etileno, com capacidade para 110 mil t/ano e geração de 100 empregos. O início da operação está previsto para 2014.

Cumprir registrar a reinauguração da Peroxy no Polo de Camaçari após uma longa disputa judicial. A empresa possuiu plano de expansão de US\$ 100 milhões e pretende produzir 40 mil t/ano de peróxido de hidrogênio, empregando 250 funcionários. Outra importante notícia para a petroquímica baiana foi anúncio da Unigel de implantação de um centro de pesquisa na Bahia, com investimentos da ordem de R\$ 40 milhões e contratação de 50 pesquisadores.

Metalurgia Básica

(11,5% do VTI da Bahia em 2009)

Em 2011, a produção do segmento da metalurgia baiana registra desempenho abaixo do verificado no ano anterior. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIMPF-R) do IBGE, na comparação entre o acumulado dos primeiros sete meses de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física da metalurgia baiana caiu 11,9%, em virtude sobretudo do fechamento da planta de alumínio da Novelis no



final de 2010, da parada não programada para manutenção da unidade de fundição da Paranapanema, realizada entre 14 e 17 de julho, e da menor produção de ouro em barras. A taxa anualizada registrou queda de 6,7% em julho. Quanto às exportações, a seção Metais Comuns e suas Obras registrou vendas de US\$ 545.646.939 no acumulado dos primeiros sete meses deste ano, valor 73,2% superior ao registrado em igual período do ano anterior. Esse resultado foi determinado pela expansão das exportações de catodos de cobre refinado, fios de cobre refinado, ferro silício, outras ligas de ferro cromo, dentre outros, parcialmente compensada pela queda dos embarques de resíduos de cobre.

O preço do cobre no mercado internacional tem registrado forte volatilidade, tendo alcançado US\$ 8.645/t em meados de setembro, após ter oscilado entre US\$ 8.536/t e US\$ 10.147,50/t nos primeiros oito meses de 2011. A tendência é que os preços de cobre mantenham forte volatilidade, com movimento de baixa no curto prazo, porém situando-se num patamar superior ao verificado em 2010.

A Bahia detém praticamente a totalidade da produção brasileira de cobre refinado. A maior parte do concentrado de cobre é importada do Chile. Segundo o balanço da Paranapanema, o volume de vendas de cobre refinado (catodos + vergalhões + fios trefilados) alcançou 94,1 mil toneladas no 1º semestre de 2011, contra 80,7 mil toneladas em igual período do ano anterior. O aumento do volume de vendas de catodos de cobre refinado, a alta dos preços do cobre no mercado internacional e a mudança de mix de produtos e de mercados (maior participação das exportações) contribuíram para que a receita líquida da Paranapanema alcançasse R\$ 2,1 bilhões no 1º semestre de 2011, registrando alta de 52,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O aumento dos custos, em função da alta dos preços do minério de cobre e redução das margens, contribuiu para que o lucro líquido da empresa alcançasse R\$ 7,2 milhões, queda de 90,1% em relação ao registrado no 1º semestre de 2010. A revisão de junho do plano de expansão e investimentos para o período 2011 a 2013 manteve os desembolsos previstos para a Bahia: (i) investimento de R\$ 290 milhões na atualização e expansão da capacidade instalada da fábrica de cobre refinado de 230 mil



toneladas/ano para 280 mil toneladas/ano em 2013; e (ii) investimento de R\$ 28 milhões na instalação, até dezembro de 2012, de uma planta de refino de metais preciosos com capacidade instalada de 2.400 Kg/ano de lingotes de ouro e 33.500 Kg/ano de lingotes de prata.

As exportações de produtos de cobre cresceram 75,1% no acumulado dos primeiros sete meses deste ano, impulsionadas pelas maiores vendas de catodos de cobre (120,2%) e de fios de cobre refinado (40,9%). A alta de preços foi o principal fator impulsionador das vendas externas de produtos de cobre no período analisado. A quantidade exportada de catodos de cobre alcançou 36,2 mil toneladas, contra 21,9 mil toneladas no acumulado dos primeiros sete meses de 2010, tendo como países de destino: Itália, China, Holanda, Colômbia e Paraguai. O quantum exportado de fios cobre cresceu 4,7% em relação ao verificado em igual período do ano anterior, direcionados para Argentina, Costa Rica, Colômbia, Bolívia, Uruguai, dentre outros. As vendas externas baianas de cobre representaram nos primeiros sete meses de 2011 82,5% do total exportado pelo País, contra uma participação relativa de 81,5% no mesmo período do ano anterior.

As perspectivas para o negócio de cobre são positivas no curto e médio prazos, por conta do PAC, da exploração do pré-sal e dos eventos esportivos programados para 2014 (Copa do Mundo) e 2016 (Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro). Além do crescimento orgânico em decorrência dos investimentos supracitados, há perspectiva de maior integração na cadeia do cobre por meio de parcerias estratégicas com mineradoras de pequeno e médio porte.

Os preços de produtos siderúrgicos também apresentam volatilidade no mercado internacional, a exemplo do preço da tonelada de billet, que, no mercado à vista (cash buyer), alcançou US\$ 600 na 2ª semana de setembro, contra US\$ 535 no início do ano. A expectativa é que os preços dos siderúrgicos mantenham a alta volatilidade do mercado internacional, com tendência de baixa, em função da deterioração do cenário externo, sobretudo dos Estados Unidos e das principais economias européias.

De acordo com o balanço da Ferbasa, no 1º semestre deste ano, o quantum de vendas de ferro-ligas alcançou 125,2 mil toneladas, alta de 7,5% em relação ao



mesmo período de 2010, impulsionada pelo maior volume de vendas de todos os produtos, com destaque para ferro silício 75% e ferro cromo alto carbono. Com a expansão de 11,7% da receita líquida e crescimento de 18% do custo dos produtos vendidos (principalmente do item energia elétrica), o lucro líquido da Ferbasa caiu de R\$ 66,2 milhões no 1º semestre de 2010 para R\$ 61,8 milhões em igual período deste ano.

As exportações baianas de aço (capítulos 72 e 73 da NCM) cresceram 70%, na comparação do acumulado nos primeiros sete meses deste ano com igual período de 2010. Os principais produtos exportados foram: ferro silício (Holanda, Japão, Itália, Bélgica, Espanha, dentre outros), ferro cromo (Holanda, China, Bélgica, Argentina, Suécia, Reino Unido, dentre outros), outras ligas de ferro cromo (Estados Unidos, Holanda, Turquia, Índia, Coreia do Sul, dentre outros), e ferro manganês (Argentina e Colômbia). As exportações da siderurgia baiana foram responsáveis por 1% das vendas externas da siderurgia brasileira nos primeiros sete meses de 2011, contra uma participação relativa de 0,9% em igual período do ano anterior.

Segundo o Instituto Aço Brasil (IABr), a produção nacional de aço bruto alcançou 20,9 milhões de toneladas no acumulado dos primeiros sete meses de 2011, volume 8,8% superior ao de igual período do ano anterior, enquanto a produção de laminados atingiu 14,9 milhões de toneladas, queda de 4% em relação ao verificado no período de janeiro a julho de 2010. As vendas internas alcançaram 12,7 milhões de toneladas, praticamente o mesmo patamar registrado no mesmo período do ano anterior. Já as vendas externas faturadas alcançaram 6 milhões de toneladas, expansão de 41,3% no período analisado, refletindo a maior quantidade exportada de semi-acabados (55,4%) e de laminados (20,9%). O arrefecimento da demanda doméstica provocou o redirecionamento de parte das vendas de siderúrgicos para o mercado externo.

No cenário externo, o levantamento do World Steel Association do acumulado dos primeiros sete meses de 2011 indica que a produção mundial de aço bruto alcançou 886,9 milhões de toneladas, alta de 8,3%, na comparação com o mesmo período do



ano anterior, influenciada sobretudo pela expansão da produção na China (+10,3%, respondendo por 46,3% da produção mundial de aço), Coréia do Sul (+18,9%), Estados Unidos (+5,2%), Rússia (+6,1%) e Índia (+5%). O Brasil ocupa a 8ª posição no ranking mundial.

A expectativa de desaquecimento da demanda doméstica, persistência de estoques elevados e acirrada competição das importações em segmentos consumidores intensivos de aço levou o IABr a revisar sua projeção de produção de aço bruto para 2011 de 39,4 milhões de toneladas para 36,3 milhões de toneladas, volume 10,5% acima do verificado em 2010. O consumo aparente deverá cair 0,9% em 2011, reforçando a preocupação da indústria siderúrgica nacional quanto ao risco de desindustrialização, associado ao acelerado crescimento das importações de bens intensivos em aço e à queda de participação dos produtos industrializados na pauta de exportações brasileira. O IABr defende a implementação de medidas que reduzam as assimetrias competitivas (redução de impostos sobre folha de pagamento, investimentos, exportação e energia) para que a indústria nacional de aço enfrente a atual conjuntura de câmbio valorizado, sobreoferta de aço no mercado internacional e benefícios fiscais concedidos por Estados para as importações de siderúrgicos.

Veículos Automotores

(10,3% do VTI da Bahia em 2009)

A Ford Nordeste tem registrado nível pleno de produção (próximo a 21 mil veículos/mês), após período de produção inferior por conta de parada para manutenção, realizada em 18 de dezembro de 2010 e 09 de janeiro de 2011. No acumulado de janeiro a agosto de 2011, a empresa registrou incremento na produção de 5,5%, na comparação com igual período do ano anterior. Em 2010, a Ford Nordeste anunciou ampliação dos investimentos no Brasil de R\$ 4 bilhões para R\$ 4,5 bilhões até 2015. Os investimentos adicionais serão destinados ao complexo da Ford Nordeste, que conta com um dos cinco Centros Globais de



Desenvolvimento de Produtos da Ford no mundo. A planta de Camaçari será responsável pelo desenvolvimento da nova geração do modelo Ford Ecosport, que será vendido nos mercados interno e externo. Com os investimentos previstos, a capacidade produtiva do complexo saltará de 250 mil para 300 mil unidades/ano.

Apesar da ampliação prevista para a planta da Ford Nordeste, a perspectiva de um maior desenvolvimento do segmento na Bahia é limitada pelo quadro local monoprodutor, em especial após a decisão da Fiat de implantar uma unidade em Pernambuco, limitando a capacidade de atração e ampliação de um parque fornecedor de autopeças com escala competitiva em nível nacional e global.

No acumulado dos primeiros sete meses de 2011, a Bahia registrou crescimento de 9,4% das exportações da seção Material de Transporte, na comparação com igual período de 2010, alcançando de US\$ 289,2 milhões. No entanto, as exportações de veículos no Estado da Bahia, como parcela da produção, foram bastante reduzidas ao longo do tempo, tendo passado de mais de 40% da produção local para menos de 20%.

Dados do Complexo Industrial Ford Nordeste

Anos	Produção	Exportação	Exp/Prod
	<i>veículos</i>		<i>(%)</i>
2005	246.934	108.400	43,9
2006	242.905	101.550	41,8
2007	231.033	80.272	34,7
2008	207.037	62.202	30,0
2009	207.180	38.268	18,5
2010	212.083	46.312	21,8
2011*	154.485	27.586	17,9

Fonte: Ford Nordeste; elaboração FIEB/SDI

*acumulado até agosto



No panorama nacional, segundo dados da ANFAVEA, de janeiro a agosto de 2011 foram produzidos 2,3 milhões de autoveículos, o que representou alta de 4,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Do total produzido, foram exportadas 341,3 mil unidades (crescimento de 5,2%, na comparação com o igual período do ano anterior), no valor de US\$ 7,85 bilhões – fob. No acumulado de janeiro a agosto de 2011, verificou-se um incremento de 8% nos licenciamentos de autoveículos novos (nacionais + importados), na comparação com igual período de 2010.

Apesar das medidas de contenção ao crédito, tanto a produção quanto a venda de autoveículos continuam em trajetória de alta (11,9%), porém em ritmo menos acelerado do que o verificado em 2010. Em resposta à crescente participação dos importados nas vendas de autoveículos no Brasil e da baixa competitividade das exportações do segmento, o Governo Federal anunciou a elevação do IPI para veículos importados ou que não atendam a alguns requisitos de conteúdo nacional. A alíquota do tributo aumentou trinta pontos percentuais para carros que tenham menos de 65% de componentes fabricadas no País. A mudança pode representar reajuste de até 28% nos preços para o consumidor. Serão afetados automóveis, caminhões, caminhonetes e veículos comerciais leves. A medida prevê que além do percentual de componentes nacionais, as montadoras precisarão investir e realizar localmente pelo menos 6 de 11 etapas de produção definidas pelo governo, dentre elas, fabricação de motores e montagem de chassis. Como o Brasil tem acordo automotivo com a Argentina e o México, componentes desses países não serão considerados como importados. Acredita-se que as medidas afetarão especialmente os veículos importados da China, Coréia do Sul e os fabricantes de carros de luxo (Mercedes, BMW, Audi, etc.) que não possuem fabricação nacional.

Participação dos Importados no Licenciamento Total de Autoveículos (%)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2009	19,6	15,4	13,0	13,3	13,5	13,4	15,2	14,5	14,9	17,0	18,1	19,4	15,6
2010	20,1	18,3	16,4	17,9	17,9	17,6	18,0	18,3	18,7	19,5	20,2	21,7	18,8
2011	23,5	22,6	20,4	22,2	23,5	22,8	22,0	22,5					22,4

Fonte: Renavam/Denatran, apud Anfavea.



Alimentos e Bebidas

(8,7% do VTI da Bahia em 2009)

A produção industrial do segmento Alimentos e Bebidas apresentou expansão de 12,1% na comparação do acumulado dos primeiros sete meses de 2011 com igual período do ano anterior, influenciado pela maior produção de café torrado e moído, refrigerantes, cerveja e chope, refletindo a expansão da demanda interna, associada ao aumento do poder de compra da população. O desempenho positivo do agronegócio, principalmente da produção de grãos do oeste da Bahia, também tem contribuído para o resultado positivo do segmento em análise.

As exportações baianas do agregado Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo alcançaram US\$ 379.461.381 no período de janeiro a julho de 2011, valor 23% superior ao registrado em igual período do ano anterior. A participação relativa do agregado no valor total das exportações baianas aumentou de 6,3% para 6,4% no período de análise.

As exportações de bagaços da extração do óleo de soja (farelo) cresceram 42,3% em valor, ganhando participação relativa de 43,5% para 50,5% no agregado da seção. Os principais destinos das exportações baianas de bagaços da extração de óleo foram Alemanha, Romênia e França.

A cotação da soja na Bolsa de Chicago registrou alta de 1,5% no ano e alta de 40,3% no acumulado do período de 12 meses encerrado em 26/08/2011. O mercado internacional de commodities em geral e particularmente o de soja segue determinado pelos baixos estoques da China (principal demandante mundial) e eventos climáticos nos principais centros produtores (destacando-se aí a seca no meio oeste norte-americano) que vêm reduzindo significativamente as expectativas de produção. Nesse contexto os preços da soja seguem em patamar elevado, influenciando os preços das demais commodities agrícolas.



Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de julho, a safra nacional de soja do ciclo 2011 deverá ocupar uma área 3,3% maior que na safra anterior, o que equivale a cerca de 24.059 mil hectares. A produção de soja deste ano deverá chegar a 74.841 mil toneladas, aumento de 9,2% em relação a 2010.

De acordo com o 4º Levantamento de Safra 2010/2011 da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia – AIBA, a produção das principais culturas da Região Oeste do Estado (soja, algodão, milho e café) deverá crescer de 5,7 milhões de toneladas na safra 2009/2010 para cerca de 6,8 milhões de toneladas na safra 2010/2011. Já a produção de soja deverá alcançar 3,6 milhões de toneladas em 2010/2011 contra 3,2% na safra anterior, ocupando cerca de 1.080 mil hectares de plantação, contra 1.050 mil hectares na safra anterior.

As exportações baianas de cacau e derivados aumentaram em termos absolutos (3,1%), mas reduziram sua participação relativa na seção, passando de 53,8% para 45,2% no período em análise. No período analisado, as vendas específicas de cacau em pó cresceram 55,4%. Os principais destinos foram Argentina, Estados Unidos, Holanda, México e Chile. Houve queda de 3,6% nas exportações de pasta de cacau não desengordurada, tendo como principais destinos Argentina, Chile, Japão, Canadá e México. As exportações de manteiga, gordura e óleo de cacau apresentaram queda de 30,1%, sendo embarcadas para Estados Unidos, Argentina, Canadá, Chile, Holanda, dentre outros.

A cotação do cacau na Bolsa de Nova York aumentou 0,8% no ano e 12,2% no período de 12 meses encerrado em 26/08/2011. A Organização Internacional de Cacau (ICCO, na sigla em inglês) projeta um superávit de 325 mil toneladas no mercado internacional de cacau na safra 2010/11 contra uma previsão anterior de superávit de 187 mil toneladas. Projeta-se ainda uma produção total mundial de 4.195 mil toneladas de cacau, o que significa um crescimento de 15,5% em relação ao período anterior. Quanto ao processamento de cacau pela indústria, espera-se



um total de 3.828 mil toneladas, caracterizando uma expansão de 3,5% em relação ao ano período anterior.

No Brasil, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de julho, a safra de cacau alcançará 243.664 toneladas em 2011, alta de 4,4% em relação à safra anterior, ocupando uma área de 652.904 hectares, queda de 0,2% em relação à área plantada em 2010.

Apesar dos bons prognósticos para a safra de 2010/11, a produção nacional de cacau deverá recuar no período 2011/12, em decorrência do clima menos favorável. Segundo estimativas do mercado, a colheita da amêndoa em 2011/12 ficará entre 165 mil e 170 mil toneladas, cerca de 15% abaixo do esperado para 2010/11. Em 2010 foram moídas de 230 mil a 240 mil toneladas de cacau no Brasil, contra 215 mil toneladas em 2009.

Segundo a Associação da Indústria Processadora de Cacau (AIPC), de janeiro a julho deste ano foram importadas 10,9 mil toneladas de cacau. Atualmente cerca de 70% dos produtos do cacau (pó, manteiga e liquor) ficam no mercado interno e 30% são exportados. As vendas externas baianas de produtos de fumo apresentaram alta de 98% no período de janeiro a julho de 2011 na comparação com igual período do ano anterior e sua participação relativa passou de 2,7% para 4,3% do agregado de Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo. Os principais mercados de destino foram: Indonésia, Alemanha, República Dominicana, Espanha e Honduras.

Celulose e Papel

(6,7% do VTI da Bahia em 2009)

Na comparação dos primeiros 7 meses de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física de Celulose e Papel da Bahia registrou resultado negativo (-4,6%). O segmento possui grande potencial de desenvolvimento no Estado da Bahia, por



conta das condições edafoclimáticas favoráveis à cultura do eucalipto na região sul do Estado. Segundo informações da Associação de Produtores de Floresta Plantada do Estado da Bahia (ABAF), o Estado possui o menor ciclo para o corte da árvore, além de a densidade do plantio de árvores por hectare ser a maior do País. A Bahia responde por cerca de 18% da produção nacional de celulose. No entanto, os projetos de ampliação da produção local sofreram alguns revezes. A Fibria declarou que a expansão da Veracel, joint-venture com a sueco-finlandesa Stora-Enso, possui um terço das florestas necessárias, mas a ampliação prevista deverá ser concluída apenas entre 2015 e 2016. A ampliação da fábrica de Mucuri da Suzano, com incremento de 400 mil toneladas e investimento de US\$ 500 milhões, também foi adiada para 2014. Como nota negativa para o desenvolvimento do segmento no Estado da Bahia, os projetos de investimento das empresas locais têm enfrentado contratempos com os órgãos ambientais, além de problemas frequentes com invasões de propriedades, destruição de plantações, dentre outros.

No acumulado dos primeiros sete meses de 2011, a seção Celulose e Papel e suas Obras ocupou a 2ª posição na pauta de exportações do Estado da Bahia, com participação relativa de 17,8%, abaixo apenas da seção de Produtos Minerais (petróleo e derivados). As vendas externas alcançaram US\$ 1,1 bilhão, com crescimento de 6,9% em relação ao verificado em igual período de 2010. Por seu perfil francamente exportador, o segmento é um dos grandes responsáveis pelo saldo comercial positivo baiano e brasileiro.

Na 4ª semana de setembro de 2011, segundo a consultoria independente finlandesa Foex, os preços da celulose de fibra curta alcançaram US\$ 799/t no mercado europeu, contra US\$ 849/t no início do ano, e US\$ 679/t no mercado asiático, contra US\$ 743/t no início do ano.

O segmento de Celulose e Papel vive um momento de esfriamento das expectativas. Segundo dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), não houve



Relatório de análise setorial da indústria baiana

variação significativa entre o total produzido no 1º semestre de 2011 e igual período do ano anterior (-0,5%). Também em relação à produção de papel, a variação verificada no mesmo período de análise foi ínfima (-0,2%). Os investimentos previstos pelas grandes empresas do segmento que estavam sendo retomados, após a crise internacional de 2008, voltam a entrar em compasso de espera, por conta das novas incertezas do mercado internacional.



Anexos

Compõem o presente Anexo os seguintes tabelas e gráficos:

- (i) Tabelas e Gráficos da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física - Regional (PIMPF-R) (págs. 23-25);
- (ii) Tabelas da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) (págs. 26-27);
- (iii) Exportações da Bahia por Seção NCM (pág. 28); e
- (iv) Capítulos NCM (págs. 29-31).



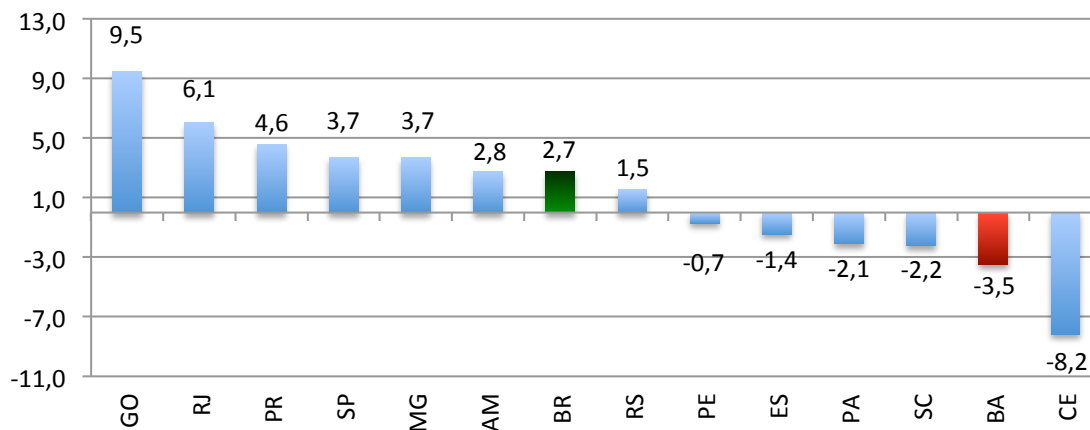
Produção Física por Estados: Indústria de Transformação

Estados	Variação Percentual		
	Jul11/Jul10	Jan-Jul11/ Jan-Jul10	Ago10-Jul11/ Ago09-Jul10
São Paulo	1,1	2,6	3,7
Minas Gerais	1,0	1,8	3,7
Rio de Janeiro	-0,3	4,2	6,1
Paraná	5,7	2,3	4,6
Rio Grande do Sul	-2,0	1,4	1,5
Bahia	-4,5	-5,0	-3,5
Santa Catarina	-7,9	-5,0	-2,2
Amazonas	6,1	1,1	2,8
Espírito Santo	-8,7	-1,5	-1,4
Pará	-0,4	-3,1	-2,1
Goiás	15,6	5,5	9,5
Pernambuco	1,4	-3,4	-0,7
Ceará	-19,2	-14,4	-8,2
Brasil	-0,3	1,3	2,7

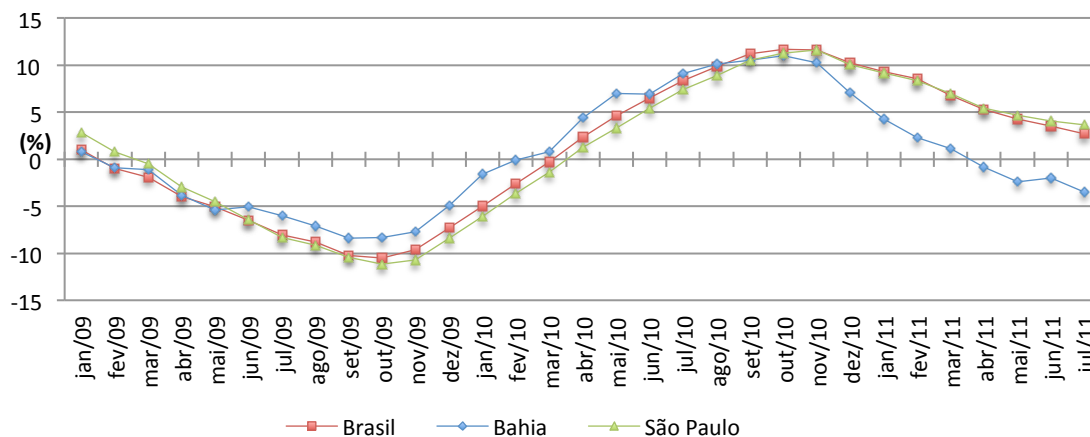
Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Brasil - Produção Física da Indústria de Transformação Taxa de crescimento (%) acumulada em 12 meses (Ago 10 - Jul 11 / Ago 09 - Jul 10)



PIM-PF Indústria de Transformação: Brasil x Bahia x São Paulo (taxas acumuladas em 12 meses)



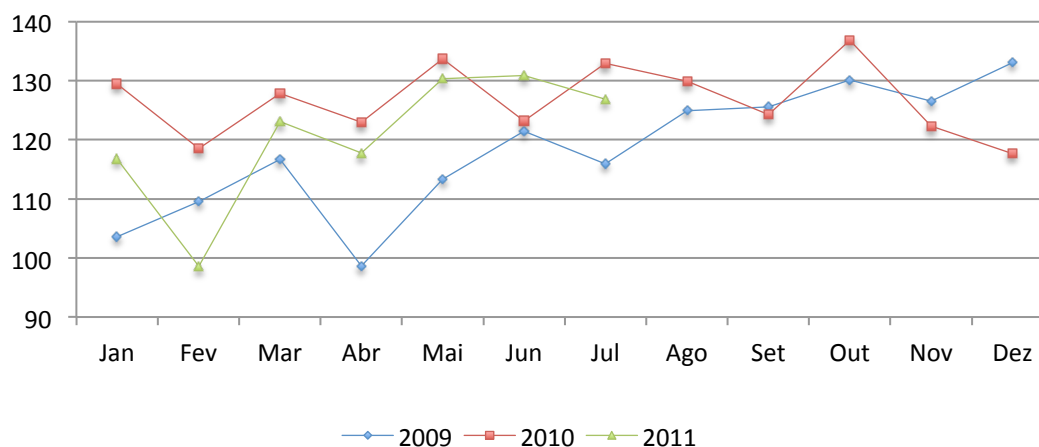


Relatório de análise setorial da indústria baiana

	Variação Percentual		
	Jul11/Jul10	Jan-Jul11/ Jan-Jul10	Ago10-Jul11/ Ago09-Jul10
Indústria de Transformação	-4,5	-5,0	-3,5
Refino de Petróleo e Prod. Álcool	-14,2	-6,2	-2,4
Produtos Químicos/Petroquímicos	4,7	-13,1	-11,9
Veículos Automotores	0,4	7,2	-0,6
Alimentos e Bebidas	16,2	12,1	10,3
Celulose e Papel	-13,9	-4,6	-3,5
Metalurgia Básica	-36,6	-11,9	-6,7
Borracha e Plástico	9,5	6,6	8,2
Minerais não-metálicos	6,7	9,4	7,8
Extrativa Mineral	-0,8	2,7	5,3

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI

Bahia - Produção Física da Indústria de Transformação (2009 - 2011)



Brasil – POA na Indústria de Transformação

Estados	Variação Percentual		
	Jul11/Jul10	Jan-Jul 11/ Jan-Jul 10	Ago10-Jul11/ Ago09-Jul10
São Paulo	-2,0	-0,1	1,3
Minas Gerais	2,0	2,9	3,2
Rio de Janeiro	-0,3	1,4	3,6
Paraná	7,0	5,1	4,0
Rio Grande do Sul	1,6	2,8	3,8
Bahia	0,8	2,8	4,7
Santa Catarina	-0,9	1,2	2,5
Espírito Santo	-2,2	-0,6	2,3
Pernambuco	6,9	4,3	5,1
Ceará	-3,1	-1,0	1,2
Brasil	0,3	1,7	2,7

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Bahia – POA na Indústria de Transformação

Segmentos (CNAE)	Variação Percentual		
	Jul11/Jul10	Jan-Jul 11/ Jan-Jul 10	Ago10-Jul11/ Ago09-Jul10
Indústria de Transformação (agregado)	0,8	2,8	4,7
Coque, Refino de Petróleo e Produção de Álcool (23)	4,9	-8,2	-1,5
Química/Petroquímica (24)	2,3	-3,9	-3,6
Alimentos e Bebidas (15)	6,6	6,9	5,9
FJulicação de Meios de Transporte (34 e 35)	-0,7	-0,9	-3,0
Papel e Gráfica (21 e 22)	4,8	6,6	6,4
Metalurgia Básica (27)	3,5	5,1	7,1
Máquinas e Equipamentos (29 e 30)	20,1	16,3	17,9
Borracha e Plásticos (25)	13,0	11,4	11,2
Couros e Calçados (19)	-3,4	1,2	5,9
Máquinas e Aparelhos Elétricos e Eletrônicos (31, 32 e 33)	4,2	8,1	4,8
Produtos de Metal (28)	-8,9	-6,4	0,7
Minerais não-metálicos (26)	2,5	1,3	2,3
Têxtil (17)	-0,6	5,1	4,5
Vestuário (18)	-4,1	3,5	5,0
Fumo (16)	19,3	-35,1	-35,8
Madeira (20)	1,9	-3,0	-7,9
FJulicação de "Outros Produtos" (36 e 37)	-30,4	-4,6	8,3

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Exportações da Bahia por Seção NCM

NCM	S e ç ã o e s	Jan-Jul 2010 (a)		Jan-Jul 2011 (b)		Var. (%)
		US\$ fob	(%)	US\$ fob	(%)	(b/a)
V	Produtos Minerais	804.642.280	16,4	1.165.405.595	19,6	44,8
X	Celulose e Papel e suas Obras	986.232.778	20,1	1.054.422.974	17,8	6,9
VI	Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas	923.389.751	18,9	903.064.025	15,2	-2,2
II	Produtos do Reino Vegetal	487.083.212	9,9	605.875.202	10,2	24,4
XV	Metais Comuns e suas Obras	315.067.177	6,4	545.646.939	9,2	73,2
IV	Produtos das Indústrias Alimentares, Bebidas e Fumo	308.522.745	6,3	379.461.381	6,4	23,0
VII	Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras	251.004.247	5,1	310.368.261	5,2	23,7
XVII	Material de Transporte	264.237.698	5,4	289.203.949	4,9	9,4
XIV	Pérolas, Pedras Preciosas e Metais Preciosos e suas Obras	152.911.509	3,1	245.275.753	4,1	60,4
XI	Matérias Têxteis e suas Obras	131.862.586	2,7	148.601.355	2,5	12,7
VIII	Peles, Couros e Peleteria	63.281.383	1,3	74.262.509	1,3	17,4
XII	Calçados, Chapéus e Artefatos de Uso Semelhante	54.342.597	1,1	46.384.887	0,8	-14,6
XVI	Máquinas e Aparelhos	44.219.742	0,9	44.166.698	0,7	-0,1
III	Gorduras, Óleos e Ceras Animais e Vegetais	7.559.727	0,2	28.848.613	0,5	281,6
XX	Mercadorias e Produtos Diversos	7.801.351	0,2	9.405.231	0,2	20,6
I	Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	12.300.420	0,3	4.567.764	0,1	-62,9
XIII	Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos	3.295.306	0,1	2.904.845	0,0	-11,8
IX	Madeira e suas Obras	1.506.314	0,0	1.907.788	0,0	26,7
XVIII	Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia, Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios	766.687	0,0	1.010.000	0,0	31,7
XXI	Objetos de Arte, de Coleção e Antiguidades	13.497	0,0	976.085	0,0	(*)
	Outros	75.649.433	1,5	75.898.484	1,3	0,3
	Total	4.895.690.440	100,0	5.937.658.338	100,0	21,3

Fonte: SECEX; elaboração FIEB/SDI

(*) Praticamente Não Aplicável



Capítulos NCM

Seção I **Animais e Produtos do Reino Animal**

Capítulos:

1. Animais vivos
2. Carnes e miudezas comestíveis
3. Peixes e crustáceos, moluscos e os outros invertebrados aquáticos
4. Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos
5. Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção II **Produtos do Reino Vegetal**

Capítulos:

6. Plantas vivas e produtos de floricultura
7. Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis
8. Frutas; cascas de cítricos e de melões
9. Café, chá, mate e especiarias
10. Cereais
11. Produtos da indústria de moagem; malte; amidos féculas; inulina; glúten de trigo
12. Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palha e forragens
13. Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais
14. Matéria para entrançar e outros produtos de origem vegetal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção III **Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais**

Capítulo:

15. Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais

Seção IV **Produtos das Indústrias Alimentares; Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados**

Capítulos:

16. Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos
17. Açúcares e produtos de confeitaria

18. Cacau e suas preparações
19. Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou de leite; produtos de pastelaria
20. Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas
21. Preparações alimentícias diversas
22. Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres
23. Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais
24. Fumo (tabaco) e seus sucedâneos, manufaturados

Seção V **Produtos Minerais**

Capítulos:

25. Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento
26. Minérios, escórias e cinzas
27. Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais

Seção VI **Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas**

Capítulos:

28. Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos
29. Produtos químicos orgânicos
30. Produtos farmacêuticos
31. Adubos ou fertilizantes
32. Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever
33. Óleos essenciais e resinoídes; produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas
34. Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, ceras artificiais, ceras preparadas, produtos de conservação e limpeza, velas e artigos semelhantes, massas ou pastas para modelar, ceras para dentistas e composições para dentistas à base de gesso
35. Matérias albuminoídes; produtos à base de amidos ou de féculas modificados, colas; enzimas
36. Pólvoras e explosivos; artigos de pirotecnia; fósforos; ligas pirofóricas; matérias inflamáveis
37. Produtos para fotografia e cinematografia
38. Produtos diversos das indústrias químicas



Seção VII Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras

Capítulos:

- 39. Plásticos e suas obras
- 40. Borracha e suas obras

Seção VIII Peles, Couros e Peleteria (peles com pêlo*) e obras destas matérias; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa

Capítulos:

- 41. Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo*), e couros
- 42. Obras de couro; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa
- 43. Peleteria (peles com pêlo*) e suas obras; peleteria (peles com pêlo*) artificial

Seção IX Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; cortiças e suas obras; obras de espartaria ou cestaria

Capítulos:

- 44. Madeira, carvão vegetal e suas obras de madeira
- 45. Cortiça e suas obras
- 46. Obras de espartaria ou de cestaria

Seção X Pasta de madeira ou de outras matérias fibrosas, celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas); papel e suas Obras

Capítulos

- 47. Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas)
- 48. Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão
- 49. Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas; textos manuscritos ou datilografados, planos e plantas

Seção XI Matérias Têxteis e suas Obras

Capítulos:

- 50. Seda
- 51. Lã e pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina
- 52. Algodão
- 53. Outras fibras Têxteis vegetais; fios de papel e tecido de fios de papel
- 54. Filamentos sintéticos ou artificiais
- 55. Fibras sintéticas e artificiais, descontínuas
- 56. Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria

- 57. Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis
- 58. Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados
- 59. Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis
- 60. Tecidos de malha
- 61. Vestuário e seus acessórios, de malha
- 62. Vestuário e seus acessórios, exceto de malha
- 63. Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos

Seção XII Calçados, Chapéus e Artefatos de Uso Semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes, e suas partes; penas preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo

Capítulos:

- 64. Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes
- 65. Chapéus e artefatos de uso semelhante, e suas partes
- 66. Guarda-chuvas, sombrinha, guarda-sóis, bengalas, bengalas-assentos, chicotes e suas partes
- 67. Penas e penugem preparadas, e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo.

Seção XIII Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos; vidro e suas obras

Capítulos:

- 68. Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matéria semelhante
- 69. Produtos cerâmicos
- 70. Vidro e suas obras

Seção XIV Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijuterias; moedas

Capítulo:

- 71. Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijuterias; moedas

Seção XV Metais Comuns e suas Obras

Capítulos:

- 72. Ferro fundido, ferro e aço
- 73. Obras de ferro fundido, ferro ou aço
- 74. Cobre e suas obras



- 75. Níquel e suas obras
- 76. Alumínio e suas obras
- 77. Reservado para uma eventual utilização futura no sistema harmornizado
- 78. Chumbo e suas obras
- 82. Ferramentas, artefatos de cultelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns
- 83. Obras diversas de metais comuns

Seção XVI Máquinas e Aparelhos, material elétrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Capítulos:

- 84. Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes
- 85. Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Seção XVII Material de Transporte

Capítulos:

- 86. Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluído os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação
- 87. Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios
- 88. Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes
- 89. Embarcações e estruturas flutuantes

Seção XVIII Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia ou cinematografia, medida, controle ou de precisão; Instrumentos e

- 79. Zinco e suas obras
- 80. Estanho e suas obras
- 81. Outros metais comuns; ceramais (“cermets”); obras destas matérias

aparelhos médico-cirúrgicos; aparelhos de relojoaria; Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios

Capítulos:

- 90. Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia medida, controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios
- 91. Aparelhos de relojoaria e suas partes
- 92. Instrumentos Musicais, suas partes e acessórios

Seção XIX Armas e Munições; suas partes e acessórios

Capítulo:

- 93. Armas e munições; suas partes e acessórios

Seção XX Mercadorias e Produtos Diversos

Capítulos:

- 94. Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes, aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes, construções pré fJulicadas
- 95. Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte, suas partes e acessórios
- 96. Obras diversas

Sessão XXI Objetos de arte, de coleção de antigüidades

Capítulo:

- 97. Objetos de arte, de coleção e antigüidade